

Os cursos de Especialização, destinados a desenvolver e aprofundar setores limitados do conhecimento ou de técnicas correspondentes a cursos de graduação, destacam-se aqueles com caráter interdisciplinar, que se destinam a atender a funções altamente especializadas exigidas principalmente pelos órgãos vinculados ao setor público, sobretudo na área de planejamento. Num total de 15 a 25 por ano (período 71-75).

A Universidade atualmente mantém com algumas modificações a estrutura acadêmica que teve início no período 69 a 75. A estrutura setorial implantada é bastante flexível e muito fácil de inter-agir com os segmentos externo e interno. Vários aperfeiçoamentos foram seguidos. Desde o reitorado do Professor George Browne Rego, teve início uma preocupação fundamental de aprofundarmos os estudos sobre o nosso conceito de Universidade dentro do contexto social e, administrativo princípios fundamentais de uma verdadeira integração comunidade-universidade, felizmente essa política, prosegue até hoje com o reitorados sub-sequentes, Edinaldo Bastos, Efrem Maranhão e o atual Mozart Neves Ramos. Universidade Verdadeira, "Casa do Saber", é dinâmica evoluindo rapidamente face os ganhos constantes com nosso conhecimentos, como consequência da evolução do pensamento científico e filosófico, traduzido numa integração profunda de "Saberes". Isto nos obriga a voltar aos estudos sobre a busca do mesmo ideal, dentro de uma verdadeira autonomia universitária que preserve a dignidade em todos os níveis.

Breve Memória de um Período

Paulo Frederico do Rêgo Maciel

Uma data comemorativa não me exige relato do que fiz e de muito que não consegui fazer. Disso, falam mais as obras, que são patrimônio comunitário. Prefiro considerar e agir. Na verdade, não me arrependo do esforço, para construir o Hospital das Clínicas, partindo da demolição parcial e posterior desenvolvimento do esqueleto, então abandonado há vinte anos. Tampouco de ter prosseguido o Núcleo de Processamento de Dados, que me permite, agora, ressaltar a competência e a dignidade de uma Comissão de Concorrência, para enfrentar dificuldades e insinuações, quando se adquiria um equipamento de altos custos, em termos daquele tempo.

Aprontei o Centro de Ciências Exatas, onde funcionam Departamentos dos mais relevantes da Universidade, e fiz bastante mais, em outras iniciativas, e reparos, no Campus – o Sistema de Abastecimento d'Água, por exemplo.

Também, Extra-Campus. Recordo os reparos na TV, o Circuito Interno, para os Cursos de Anatomia, e a instalação da FM Universitária.

Na Faculdade de Direito, houve concertos, preparatórios aos festejos de Sesquicentenário. Aliás, estes foram bem comemorados – de Esporte à Opera, passando por exibição de Corais e Concurso de Bandas de Música; na parte erudita, palestras e debates, inclusive com a Comissão Especial de Reforma dos Códigos de Processo, da Câmara Federal, e a empolgante Sessão Solene, com a distribuição de Medalhas de Homenagem. Só faltou, mesmo, a Condecoração concedida pela Presidência da República, a qual, por motivos incertos e não sabidos, pelo menos para mim e o Diretor da Faculdade, chegou muito tempo depois.

Dessas coisas, porém, deveriam falar as placas. Esse, no entanto, um capítulo curioso da administração brasileira: como são desprezadas, escondidas, e, até, substituídas. Lembro-me de um amigo, de quando fui Deputado Federal, que dizia fazer correções

históricas, pela leitura de placas. De minha parte, não pratico essa curiosidade, pois ao azar das circunstâncias, já verifiquei o que anoto acima: às vezes, elas nem mais aparecem, para convencer seus estudiosos dedicados.

Prefiro falar dos meus procedimentos e recordá-los, fugindo das emoções, pois tantas as tive, que a saúde exigiu parada.

O agir é campo da prudência, que não é acovardamento, é busca da correta decisão. Não sei qual o motivo, eu, antes, até que pressinto, de tanto desprezo por esse fundamento ético; se é por anti-religião, isso é tão preconceituoso quanto a anti-ciência, até porque, os estóicos e Aristóteles, já a defendiam, bem antes do Cristianismo.

Na verdade, o Reitorado é um exercício político, pratica-se a arte do possível e deve-se ter convívio com o Poder. Curioso que, os manifestantes de ogeriza a esta definição, são, corporativamente, práticos da política, escrita em letras bem miudinhas. O Reitorado exige acomodação, que é processo sociológico, e não acumpliamento, traduzindo redução moral. Também, o Reitor que não tem prestígio no Ministério da Educação, não transita pelos outros e teme os contatos com o Legislativo, não é o Reitor, não dirige, é um subserviente da tecnocracia. Aqui, não é apropriado dissertar sobre a razão de prestígio dos técnicos, nem de esmiuçar porque ultrapassam as suas competências, transformando-se em competentes defensores dos seus interesses; registra-se apenas, uma aproximação, bem conveniente, do que é a tecnocracia, com o olhar restrito à nossa. Seria luxo de erudição, as mostrações sobre o estrangeiro.

O que é fato, é que o Reitor tem que discordar, por vezes, discutir com os técnicos, pois que a própria terminologia da sua investidura traduz regência e compromisso. Do contrário, no máximo, será "o tal, politicamente correto", com as bênçãos dos tecnocratas, entre os quais alguns Reitores, cansados de aplaudir, às vezes se incluíram, até, definitivamente. Não me dói a consciência, de ter transigido, nesse particular. Apesar, do tão falado regime autoritário, discuti, como quis, e tive, sempre, a compreensão do Ministro da Educação, que me honrava com a sua amizade, e, também, de outros e, até, de Poderes outros. Não quero esgotar as

minhas páginas, para amiudar o relato desses fatos. Interessa-me, mais, um depoimento da vivência íntima universitária.

Foi, sem dúvida, difícil, em um instante politicamente rígido, quando a boa arte exigia flexibilidade. Esta, eu a procurei. Uma minoria acadêmica, que sempre aproveita a sombra do chamado Movimento Estudantil, do qual é pequena e agitada parcela não fazia oposição, fazia oposicionismo. Ia nisso, em doses misturadas o irredentismo jovial; o idealismo, por vezes grandioso, pois envolvia sacrifício; mas também, uma ingênua impressão de novas diretrizes, quando revestiam velhas, e em alguns casos, ampliando o sopro até do exterior: também, e o discurso do tempo confirmou, o desejo de ser vitrine, escondendo, tão comum quanto rasteiro, sentimento humano.

Hoje, vejo que não fiz inimigos, no máximo deixei adversários e, observo a nítida impressão de que, muitos deles, já descobriram a mitologização programada, de determinadas inteligências, a proclamação inexata de tantas coragens, o desacerto de tantos profetas, enfim, de tantos referidos à época, em termos de tanta grandeza e que, pensando bem, são simples mortais, como todos nós. Afinal, ainda não se construiu, entre nós, uma nova visão política, ainda que, aos poucos, acho, que se vai chegando, e isso, espero em Deus. No nosso Estado, infelizmente, as dicotomias radicalizantes acabaram, senão por esterilizar, ao menos por reduzir, de muito, a nossa presença cultural e econômica no Brasil, que está vindo.

Aguardo, ansioso, para bater palmas, uma recuperação, posto que, para aquele que já vai se passando, em todos os sentidos, o principal desejo deve ser: que se faça melhor do que ele próprio fez. Aqueles desencontros, serviram entretanto, para salientar a validade do pluralismo democrático, pois, então, mesmo os conflitos, se podem recompor, pela mediação. Agora, e isso é essencial, mantido o princípio da autoridade, pois, do contrário tem-se a anomia, que não é sinônimo de regime político algum.

Também, foi um momento complicado, para o convívio docente. A Reforma Universitária estava sendo terminada e, pior que seus efeitos, seria lutar, de imediato, pela reforma da Reforma. O que se tinha de fazer era acomodar, para que alguns a assimilassem, de algum modo, ainda que outros, nem isso, no que

havia de bom, sem esconder os malefícios a discutir. Ao meu ver, tem muitos equívocos. Esse foi um drama meu, quase tragédia, pois estava vivendo a força de uma destino. Não recuei, apenas não alarguei as passadas, pois eu mesmo discordava, sobretudo na estruturação da chamada área profissional. Certamente, nessa, o que de mais se precisa é de praticantes exitosos na experiência cotidiana, e, para esses, bastariam a especialização, complementada com a livre-docência, à moda antiga. Assim, seria permitido o aproveitamento de muitos valores, que ficaram fora, e o melhor proveito dos que ficaram na Universidade, com justo ressentimento.

Não falhei, e disso me regozijo, em enaltecer a contribuição, inequívoca, ao desenvolvimento brasileiro das Escolas Profissionais Superiores. Estas, pela sua agregação, é que fundaram as Universidades Brasileiras e delas, também, saíram os mestres da chamada "área pura", alguns deles notáveis vocações. Tanto estes não falharam, que muitos de seus discípulos atingiram, logo, renome internacional, uma vez doutorados. Faltaram-lhes, à aqueles batalhadores intelectuais, os títulos, adequados à Reforma e à nova praxe universitária internacional, e atingia-lhes o argumento de não frequentação à Revistas Internacionais. Cumpre, aqui, esclarecer, que muitos foram escassos, e, até não escreveram esses artigos internacionalizados, menos pelo temor dos "árbitros" das aludidas publicações, que por lhes faltarem títulos convenientes, bem como o relacionamento facilitador, para acesso às ditas Revistas. A vantagem da convivência é indiscutível, para os que alongaram os seus estudos no exterior, possibilitando-lhes integração às chamadas comunidades científicas, acertadamente valorizáveis. Entretanto, sem diabolizá-los, e, também, sem santificá-los, no relevo dessa terminologia, tem-se construído uma prestigiosa corporação. Hoje, muito distante de todos esses assuntos, acho que os "antigos", ainda, figurariam, sem desnível, em vários Departamentos. Isso, entretanto, em nada contribuiria, sobretudo para as avaliações das pós-graduações e, portanto, é "coisa julgada".

Foi sensato, também, e procurei não falhar, como também, não falharam os que me antecederam e sucederam, no aproveitamento das oportunidades, para atrair novos mestres e doutores, e procurar organizar mestrados, alguns alçados, agora, ao doutorado. Aliás, mesmo quando as opções poderia ser outras,

como ao meu ver, na área profissional, o melhor foi conciliar-se com o possível, em que vivemos, com pontos positivos e negativos, sem desmerecer a exemplaridade dos que se constituíram, em termos de hoje, notáveis exceções. Assim, se exerceu o aspecto compensatório e solidário, nesse ângulo da política.

O trauma das reformas, aumentou antigas desavenças, nas diversas áreas; gastei muito tempo, mas aí me sinto recompensado, compondo situações, que não eram só de competição, nem mesmo, de conflito, eram e foram de "briga", mesmo. Graças a esse trabalho de intermediação, fiz grandes amizades e, sei, que alguns dos referidos, se lerem esse depoimento, apressado na redação, sem retoques aperfeiçoantes, porém sincero, saberão enfiar, creio eu, com agradabilidade, as respectivas carapuças.

As denominações universitárias, foram muito questionadas, começando com a reposição do título "Faculdade de Direito", para a "Velha Escola". Seria longo avaliar como outras Faculdades e Escolas, não deveriam ter perdido suas denominações, tão honradamente reconhecidas, até porque o abandono das tradições enfraquece Pernambuco, historicamente pioneiro, em tantos aspectos.

O Diretor da Faculdade de Direito, sustentou bem a sua causa, finalmente vencedora, porém, só em termos recursais e, graças à discreta persuasão do Ministro. Ironicamente, sempre foram contra, e, até assim, votaram, representativos bacharéis em direito. Quem sabe, uma pérfida vitória da tecnocracia, em vestes pedagógicas.

Aliás, não foi só nesse episódio, que o Ministro foi muito compreensivo; também, na conservação do prédio da Faculdade de Medicina, adequadamente feito, há pouco tempo, o que comentaristas doutos relataram, com veracidade, até nos aspectos pitorescos. Devo-lhe mais, em interferências benéficas.

Na época, o prestígio para as Bolsas e para o Intercâmbio era, nitidamente, para as Ciências Exatas e da Natureza e para Tecnologia, e impunham-se alguns reparos, bem sucedidos. Não era eu contra esse prestígio, apenas contra a exclusão de outras áreas. Tanto não era adversário, que até fiz proceder um estudo de localização de uma Usina Nuclear, redigido em documento, propositalmente sigiloso; e mais, lutei por uma extensão dos Estudos

Nucleares à Medicina, no que, aliás, o Ministério foi receptivo, faltando-lhe, apenas, tempo e recurso. Felizmente, agora, com o decisivo apoio do Vice-Presidente da República, esse e outros mais extensos trabalhos estão programados na UFPE. Falhei, com muita amargura, por não conseguir apoio, para a implantação de um Laboratório de Meteorologia, pois fui sondado para isso, por estudiosos de fora; talvez, a não receptividade, tenha permitido uma mais adequada instalação na Universidade Rural, onde hoje está.

Retomando, mais explicitamente, o assunto da colaboração do Sr. Ministro, acentuo: a suplementação de recursos, para intercâmbio, na área humanística, enquanto, eu mesmo, consegui, de algumas representações estrangeiras, Bolsas nesses setores. Lembro-me, que ele meu "engulhando" como se diz na gíria, uma passagem, para um Congresso de Filosofia, cujo tema era "A Morte". O assunto não souo agradável ao temperamento do Ministro, desejoso, ao menos, de melhores presságios, ao seu ouvido.

Pelo aspecto solidário da causa, revelo, agora, o nome - Nei Braga, e só não o faço, para alguns de seus companheiros mais próximos, por evitar a enumeração reduzida e injusta, pois dele e deles, consegui suplementos, para enfrentar graves problemas de saúde, ocorridos na nossa Docência. Diversos casos, no meu período, e não me faltaram licenças, passagens para o exterior e outras ajudas, para tratamento. Estou certo que, os beneficiários e seus familiares, estão solidários nessa proclamação oportuna.

Não vou me espalhar mais. Cessou o fôlego, e tenho limitações de espaço tipográfico. Quero, apenas, dizer, que não sou nostálgico de passado, nem crítico de presente. Nas questões de tempo decorrido, não desenvolvo juízos valorativos, constato diferenças. Fiz o que pude fazer, e, se mais não consegui, é por não ter sabido, nunca por haver aspirado. Guardo várias lembranças boas, entre algumas muito sofridas; mas valeu!

Quanto às realizações materiais, que propositadamente, abreviei, na memória, sinto falta, apenas, da Capela Ecumênica. Na época, teria precedência; agora, outras Universidades já a adotaram. O projeto arquitetônico era adequado e a construção plausível. Faltaram tempo e dinheiro. Hoje, na minha quase esquisofrenia, pois sou um carente da noção de espaço, já não localizo a pedra

fundamental, porém outros, diletos amigos e colaboradores, ainda saberão fazê-lo.

Fico, porém, regozijado em ver, no Campus, a Concha Acústica. Até dos meus mais íntimos, guardei segredo de que poderia arranjar um saldo de verba, no MEC, para iniciá-la, ao final da minha gestão, pois estava certo, que sucessores a concluiriam. Não resisti, porém, à pressão estudantil, para melhoramento do Refeitório - não sei porque este me perseguiu, eu, que sempre comi muito pouco. Felizmente, dezessete anos depois, ela está lá, melhor do que planejei, e, em lugar mais ou menos idêntico.

Volto "à pressão pró-Refeitório". Na inauguração do castelo de reforço do abastecimento e tratamento da água do Campus, decidi que não seria festiva. Estavam uns poucos, entre os quais a minha mulher, que atuou, muito, no período nas Casas de Estudante, ouvindo explicações do Pró-Reitor Comunitário. De repente, vimos um pequeno e rumuroso grupo se deslocando, sob uma bandeira branca.

Ainda bem, que a cor era de paz, mas tinha uma legenda: Água, não! Queremos é feijão! Feijão! Feijão!
Ah, feijão perturbador. Não era, decididamente, o feijão amigo do convívio nordestino.

Ao contrário desses contratempos, do funcionalismo, sempre tive cooperação e estímulo. Procurei atendê-los, com a colaboração de minha mulher, que conviveu com seus representantes, para formulação de projetos, que assim, adquiriram feição participativa. A ASU teve sua sede no Campus; os esportes competitivos, bem como os de preparação física, foram estimulados; também o acesso aos serviços hospitalares e implantação de pesquisa para avaliação dos pleitos.

Mas, retomo a narrativa dos azares. Poucos dias depois da inauguração conturbada, estava numa reunião com representantes da área de Química - Fundamental, Industrial e Engenharia Química - com um conselheiro do CNPq e dois ilustres professores, um de São Paulo e outro de Minas Gerais. Faltava, antes da turbacão ocorrida, um protocolo final, para instituir a Pós-Graduação em Química Fundamental, o que, felizmente, foi feito por um dos meus sucessores e em alto nível. Naquele dia, porém, não foi possível definições. Entrou, a certa altura, meu Chefe de Gabinete, educado,

discreto e experiente, e comunicou-me, que se impunha o meu comparecimento, para serenar os ânimos de um protesto estudantil. Ele conseguira adiar, ao máximo, mas era reclamada a presença maior. Qual era a reclamação: o feijão queimou! Confesso, fiquei completamente desbaratado, talvez por ser de uma geração machista, que nada entende de cozinha. Felizmente, o Chefe do Refeitório encontrou a solução. Apesar do aspecto pilhérico, extraí, daí, uma lição de filosofia-político-administrativa: Quixotes, nunca marcham sem os Sanchos. É preciso muita reforma; mas, a condição básica é, mesmo, o feijão. Que haja! Aleluia! Amém!

50 Anos da UFPE - Uma Análise Retrospectiva da Instituição e Seu Contexto

George Browne Rêgo

Pedi-me o Professor Geraldo Pereira, que apresentasse, sob a forma de um artigo, um depoimento sobre a história da Universidade Federal de Pernambuco, que, neste ano de 1996, comemora o seu cinquentenário. Cumulou-me o atual Vice-Reitor deste honroso encargo, em função de ter sido eu um Reitor dessa instituição e como tal ter tido a honra de dirigi-la, durante o período 1983-1987.

Procurar-se-á, portanto, neste relato, privilegiar o aludido quadriênio — sem, contudo, perder-se de vista a integralidade do processo evolutivo no qual a instituição emergiu e se desenvolveu. Para tanto, objetiva-se fugir do fragmentário e perfilhar uma rota que facilite a tessitura de certas articulações que possibilitem tornar mais coerente, inteligível e contextualizada a compreensão da sua história. Há, por conseguinte, uma clara intenção de evitar-se, tanto quanto possível, que este depoimento sobre a Universidade Federal de Pernambuco reduza-se, tão somente, a uma análise superficial e isolada de aspectos da sua existência; ou a uma biografia composta, meramente, de uma cronológica justaposição das suas realizações e deficiências, ou, ainda, que se atenha, apenas, à narração de eventos associados à história de indivíduos ou grupos que, em última análise, consciente ou inconscientemente, podem, apenas, induzir o culto de alguma personalidade ou, quando não, de instituições isoladas.

Um outro aspecto, de caráter subjetivo, mas que, nem por isso, deixa igualmente de merecer alguma atenção é o fato de que, o narrador esteve, durante a maior parte da sua existência, visceralmente envolvido com a Universidade Federal de Pernambuco participando, sempre que lhe foi possível, de uma considerável parcela da sua história. Deve-se, por isso, reconhecer que as suas considerações e julgamentos sobre ela, não defluem, primordialmente, de uma postura cientificizante de um observador que